

## PLATÃO, A TRANSMIGRAÇÃO DAS ALMAS E TITO LUCRÉCIO CARO

MARIA DA GLORIA NOVAK\*

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

[View metadata, citation and similar papers at core.ac.uk](#)

prov

**RESUMO:** *Platão apresenta a teoria da reminiscência como prova da imortalidade da alma em Fédon, Fedro, Mênon e República; já em Fedro e República, descreve a composição tripartida da alma e a transmigração da alma. Por sua vez, Lucrecio, no De rerum natura, assim como Epicuro, na Carta a Heródoto, propõe a teoria do esquecimento e afirma que a alma é corpórea; demais, divide a alma em duas partes: animus e anima, ou espírito e alma, e em quatro elementos: calor, sopro, ar e uma quarta substância. Lucrecio, poeta, apóia-se na experiência: não nos lembramos; Platão, filósofo, no mito: saber é lembrar. O epicurismo afasta-se totalmente da concepção órfico-pitagórica e platônica de uma alma imortal: surgiu para livrar dos seus temores o homem, que, ante a morte, teme dores terríveis e eternas para a alma, e a insensibilidade para o corpo. Segundo o epicurismo, ambos os temores são irracionais: quando o homem existe a morte não está presente, e quando está presente o homem já não existe.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *teorias da imortalidade e da mortalidade da alma; teorias da reminiscência e do esquecimento da alma; teorias da composição da alma; concepções órfico-pitagórica, platônica e epicúria da alma.*

Ao estudarmos nos diálogos de Platão a natureza da alma, devemos distinguir duas fases: a primeira, anterior, e a segunda, posterior a *Mênon*, escrito na maturidade. É importante observar que, embora *Apologia* e *Fédon*, assim como *Crito*, refiram os últimos fatos da vida de Sócrates, na verdade há certos conceitos que se vão explicitando nos últimos diálogos. Ou isso se deve a uma evolução no pensamento do discípulo, que teria aperfeiçoado as idéias do Mestre, ou se deve a que o discípulo, muito jovem ao tempo em que escreveu os primeiros diálogos, não teria ainda perfeita compreensão do pensamento socrático. Assim

é que a *Apologia* (40c et seqs) e o início da *República* (330de) propõem mas não afirmam a imortalidade da alma como a afirmam os diálogos posteriores. Entre estes, os que melhor lhe explicam a natureza talvez sejam *Fédão*, o livro X da *República*, *Fedro* e *Timeu*, apesar da admiração de Glauco à afirmação de sua imortalidade no Xº livro da *República* (608d).

Na base das discussões está a influência de crenças órfico-pitagóricas: a transmigração das almas, a teoria da reminiscência e a idéia de que a vida é uma experiência dolorosa que é preciso ultrapassar pela ciência e pelo domínio das paixões, que devem livrar o homem das cadeias do corpo a fim de prepará-lo para a morte, ou seja, a libertação. A teoria da reminiscência, prova da imortalidade, encontramos-la principalmente em *Fédão*, *Fedro*, *Mênão* e *República*. A transmigração das almas, sobretudo em *Fedro* e *República* (digo *República* X).

A alma existe por natureza (*Leg.* 892c). Em *Fédão*, *República* e *Fedro* é não só imortal mas também eterna. Em *Timeu* (34c) e *Leis* (892a), embora anterior ao corpo, não é eterna, em que pese a opinião de Rohde (Rohde, 1973, v. 2, 491): de fato, é eterna a alma da alma (*Tim.* 35a.41d).

Há razões que tornam verossímil sua imortalidade.

*Primeiro.* Tudo o que vive nasce do que está morto (*Phaed.* 77c), pois os contrários nascem de seus contrários, idéia que também se encontra em Heráclito (DK 22 B 126). E, assim como o acordar surge do estar dormindo, o nascer provém do estar morto, e é verossímil que nossa alma exista nalgum lugar a fim de que possa renascer (*Phaed.* 71c-72a).

*Segundo.* A alma é essencialmente simples, logo, escapa à decomposição e é, pois, imperecível (ibid. 78bc); e é o princípio da vida: quando se apresenta em um corpo, faz com que este viva, o que quer dizer que traz consigo a vida, que é o contrário da morte. Nunca poderá receber em si o contrário daquilo que traz sempre consigo, e portanto é não-mortal, da mesma forma que o que não recebe em si a natureza do par é não-par (*Phaed.* 105ce; cf. Baccou, 1965, v. II, 243, n. 52). Se é um princípio, é não-gerada; se é não-gerada, é incorruptível (*Phaedr.* 245c).

*Timeu* conta que Deus criou os animais divinos e lhes ordenou que criassem os animais mortais (69c). A alma, realidade intermediária cuja função consiste em ligar dois extremos (Robin, 1948, 236), o imortal e divino ao animal mortal, compõe-se de três partes na sua união com o corpo humano. Uma parte imortal, que se situa na cabeça do homem e lhe foi dada como um gênio; tem afinidade com o céu, é divina, foi criada pelo Demiurgo e é racional (*Tim.* 90a;

cf. *Res publ.* 581b). Uma parte mortal, posta no tórax, isolada da primeira pelo istmo do pescoço, e que contém as paixões; é a alma volitiva e participa da coragem e da cólera (*Tim.* 69c et seqs). Embora separada da primeira, pode ouvir a voz da razão e unir-se a ela para refrear os desejos da outra parte mortal da alma, situada abaixo do diafragma, e que é a alma dos apetites (ibid. 70d). Esta não tem opinião, nem raciocínio, nem inteligência, mas sensações agradáveis ou dolorosas, e desejos (ibid. 77b). As imagens dessas partes seriam respectivamente um homem, um leão, e um monstro policéfalo (*Res publ.* 588b et seqs). Ou, noutra imagem, compõe-se a alma de uma parelha de cavalos e de um cocheiro alados. Um dos cavalos é excelente; o outro, ao contrário, é difícil de conter (*Phaedr.* 246a et seqs). Por ser a alma um composto de muitas partes, não forma uma união perfeita (*Res publ.* 603d): é pura quando não está unida ao corpo, segundo se lê em *Crátilo* (403e- 404a) e *República* (X 611bc). Para entendê-la é preciso contemplá-la no seu estado puro e considerar que, em sua natureza essencial, é una, indissolúvel, sempre idêntica a si mesma; ou não seria imortal (*Phaed.* 80b). Fonte e princípio do movimento, move-se a si mesma: o movimento é a sua essência (*Phaedr.* 245d; *Leg.* 895e-896a; cf. *Arist., De an.* 405a29-405b).

A idéia da alma composta de três partes, correspondendo à tripla composição da cidade (*Res publ.* 440e-441d), explicar-se-ia pela preocupação do Filósofo com as contradições humanas (ibid. 431a. 603a): com os dois princípios conflitantes que se encontram em nós: o desejo inato de prazer e a idéia de que é preciso procurar o bem (*Phaedr.* 237d-238a). Preocupação que amiúde aparece. Por exemplo, em *Górgias*, em que Sócrates procura convencer Calicles de que o homem deve, primeiro, dominar-se a si mesmo, dominar seus prazeres e suas paixões (491de; cf. *Phaed.* 84a); em *Cármides*, em que se lê que a alma é a origem de todos os males e de todos os bens que vêm para o homem, e que por isso a filosofia é o remédio do bem e do mal, remédio que consiste em palavras mágicas, das quais nasce nas almas a temperança (*sophrosýne*, 156e-157ab); em *Protágoras*, em que a ciência aparece como bela, capaz de governar o homem de tal forma que aquele que conhece o bem e o mal não pode ser obrigado por ninguém a agir contra o que ela ordena (352cd).

As partes de sua alma, o homem deve mantê-las em perfeito acordo, como termos de uma harmonia, para tornar-se absolutamente uno, temperante e harmonioso (*Res publ.* 443de). A ordem e a harmonia na alma chamam-se disciplina e lei (*Gorg.* 504d; cf. 506de-507a). Se a alma é imortal, diz Sócrates, é preciso cuidar dela. E cuidar não apenas durante o tempo do que chamamos viver mas durante a totalidade do tempo (*Phaed.* 107c; cf. *Men.* 81b). Essa totalidade pren-

de-se à teoria da transmigração das almas e à teoria da reminiscência, que lembra Empédocles (DK 31 B 117), ambas intimamente ligadas à afirmação da imortalidade.

A nossa instrução não é senão uma lembrança, e assim é absolutamente necessário que num tempo anterior tenhamos sido instruídos disso de que agora nos lembramos, o que não seria possível se nossa alma não estivesse em algum lugar antes de nascermos; portanto, é verossímil que a alma seja imortal (*Phaed.* 72e-73a). Sócrates expõe a sua teoria e, para verificar-lhe a exatidão, interroga um escravo e percorre com ele o seguinte caminho: ilusão de saber, consciência de não saber, vontade de saber, procura. E conclui que todo homem tem o dever de procurar aquilo que não sabe, pois mesmo a respeito do que não sabe pode conter em si opiniões verdadeiras (*Men.* 81b et seqs). Ora, se a verdade existe desde sempre em nossa alma, esta deve ser imortal.

Ao descrever, em *Fedro*, a contemplação do Belo (247c et seqs), Sócrates explica em poucas palavras a teoria da reminiscência. Para ser homem é preciso compreender o que se chama o geral e, partindo da multiplicidade das sensações, chegar pelo raciocínio à unidade. Esse ato consiste numa lembrança<sup>1</sup> do que a alma viu quando, antes de enfrentar o primeiro nascimento, fazia parte do cortejo dos Deuses e procurava contemplar as essências. As asas permitiram-lhe-iam subir a grandes alturas e contemplar o banquete divino, se não fosse a dificuldade criada pelo cavalo mau. Por causa dele, tem de lutar para conseguir vê-las: a verdade, a justiça, a temperança, a ciência<sup>2</sup>. Um as conseguem melhor, outras, pior (*Phaedr.* 248a). Na luta pela contemplação dessas verdades, que constituem o seu alimento, umas perdem grande parte das plumas. Pois bem. Se perde as asas, a alma cai; e, se encontra um corpo sólido, este começa a mover-se impulsionado por ela. A esse corpo chamamos animal e o qualificamos de mortal (ibid. 246c). É condição do homem que sua alma tenha visto algo das essências (ibid. 249b.e). Essa visão permanece nele e, ao longo de sua vida, ele deve procurar lembrar-se dela. A alma que viu o maior número de verdades vem a ser a de um apaixonado pela sabedoria, pela beleza, pelas Musas e pelo amor, que é função essencial da alma (*Phaedr.* 248d; cf. Robin, 1948, 246).

Na primeira encarnação a alma não escolhe nem seu corpo nem sua vida (*Tim.* 41e). Morto o corpo, libera-se e, despojada de todo aparato (*Gorg.* 523cd), é conduzida pelo seu gênio à bifurcação de onde partem os caminhos que levam ao Tártaro e às ilhas dos bem-aventurados (ibid. 524a) para ser julgada (*Apol.* 41a), após o que deve cumprir, até novo nascimento, o seu destino de castigo ou recompensa (*Res publ.* 614d et seqs; *Phaedr.* 249)<sup>3</sup>.

Depois de voltarem do céu ou das profundezas da terra, onde receberam sua recompensa ou pagaram seus crimes, e depois de passarem pelo prado, que é um lugar divino, e de terem visto a luz e “as extremidades das amarras do céu”, e de terem escolhido o seu gênio para com ele renascerem na condição mortal, e de terem escolhido sua vida (*Res publ.* 616bc et seqs), chegam as almas à planície do Lete e bebem da água do rio Ameles, que produz o esquecimento. Umas bebem mais, e outras, as que conservam o bom-senso, menos (*Res publ.* 621ab).

Er, que morrera, foi chamado a contemplar mas foi proibido de beber da água do esquecimento. Ele é aquele que saiu da caverna e viu a luz; que viu os objetos da região superior, cujas sombras conhecia; aquele que lastima os seus antigos companheiros de cativo e que, tendo contemplado o Belo, o Justo e o Bem, não quer mais dedicar-se aos miseráveis assuntos humanos (cf. *Theaet.* 174a-175e) mas quer dedicar-se à filosofia, que eleva até a Luz, até o Ser (*Res publ.* 521cd.540a); pois aquele que viu as essências não cessa de perseguir o alimento que aos próprios Deuses garante a imortalidade, e enfrenta quaisquer dores se está a caminho do Belo. (V. o mito da caverna: *Res publ.* 514 et seqs). E o filósofo que alimenta sua alma com o alimento que lhe é próprio, tendo vivido na medida e na pureza, deve ir, depois deste período, na direção daquilo que lhe é semelhante (*Phaed.* 67a); libertando-se dos males humanos (ibid. 84ab) e encontrando Deuses por companheiros e guias, espera pôr-se a caminho para o Hades (ibid. 108c), para ser julgado e partir para a região a que pertence (ibid. 114b-115), onde sabe que encontrará o pensamento puro, amor e alimento sonhado de sua alma (ibid. 66de).

Tito Lucrécio Caro, no terceiro livro do *De rerum natura*, que é o documento epicúrio por excelência, afirma, assim como o afirma a *Carta* de Epicuro a *Heródoto*, que a alma é corpórea; que é responsável pela sensibilidade e sente com o corpo; que nasce e morre com o corpo; que goza de relativa independência em relação ao corpo, visto que tem faculdades que este não tem. Afirma, ainda, o *De rerum natura* que a alma, que compreende duas partes, espírito e alma (III 136), se compõe de quatro elementos: calor, sopro, ar e uma quarta substância<sup>4</sup>.

Assim, a alma existe, embora se dissolva na morte. Espírito e alma, que traduzem *animus* e *anima*, estão estreitamente unidos e formam uma única substância. O espírito, a que às vezes chamamos mente, é parte do corpo, e nele residem o conselho e a direção da vida<sup>5</sup>. É o elemento ativo, sede da consciência, da emoção e da vontade. Assim, há uma preeminência dele sobre a alma; o que domina é esse conselho que está situado na região média do peito (136-40), onde vibram o pavor, o medo (141) e a alegria (142). Na verdade, o espírito é respon-

sável pelo medo, pela alegria, pela vontade, pelo raciocínio (141-6); pelo sofrimento moral e também pela sensibilidade (168-9)<sup>6</sup>.

A outra parte da alma (143) está disseminada pelo corpo todo e é movida pela vontade e pelo impulso da mente. Esta pode raciocinar e comover-se por si mesma sem que a alma participe do pensamento ou da emoção (145-51). Quando, porém, é comovida por um medo violento, vemos toda a alma sentir junto com ela<sup>7</sup>.

A sua preeminência faz-se ver também pelo fato de que mantém as barreiras da vida e domina a vida mais que a força da alma (396-7); pois sem espírito e mente nenhuma parte da alma pode permanecer em nosso corpo (398-9), mas acompanha a sua fuga: dissipa-se no ar e deixa o corpo no frio da morte (400-1). Entretanto, permanece na vida aquele a quem permanece a mente (402).

Pois bem. A alma é corpórea<sup>8</sup>. Dois fatos únicos bastariam para prová-lo no *De rerum natura*: movimento e sofrimento.

*Primeiro.* De acordo com um sistema que é materialista, a única relação possível entre duas entidades é o contato. Assim, é pelo contato que espírito e alma propõem os membros e governam o homem todo: e não pode haver contato sem corpo<sup>9</sup>.

*Segundo.* O espírito sofre. Sofre a par com o corpo, junto e simultaneamente, em decorrência de ferimentos corpóreos, provocados por objetos estranhos e golpes. Ora, deve ser corpórea sua natureza, visto que objetos corpóreos podem atingi-lo e fazê-lo sofrer (168-76; *Her.* §67).

Este ser corpóreo é contido pelo corpo todo e o guarda e conserva (323-4; *Her.* §64). E é pelos movimentos comuns entre eles que vivem e sentem: o corpo, encerrando a alma, obriga-a aos movimentos que criam a sensibilidade (335-6; *Her.* §65-6). Ambos, corpo e alma, sentem (350-69). Esse ponto, fielmente seguido por Lucrecio, contraria a posição estoíca, segundo a qual a alma sente *através* do corpo (cf. Cic., *Tusc.* I 46)<sup>10</sup>.

Assim, mente e alma prendem-se ao corpo, fazem parte dele (94-7) e não podem existir sem ele e sem o próprio homem. O Poeta conserva a noção epicúria de que o corpo é como o vaso ou o invólucro ou a veste que as contém<sup>11</sup>. O orfismo também chama ao corpo envelope de que se envolve a alma (DK 31 B 126). E em *Fédão* (87b et seqs) Cebes imagina a alma como um tecelão que vai tecendo roupas sucessivas à medida que se estragam. Não devemos enganar-nos, porém. Há grande diferença no epicurismo: continente e conteúdo nascem juntos (337-49; *Her.* §64). Raízes comuns os mantêm unidos (323-6), e os seus princí-

pios lhes asseguram sorte comum na vida (321-2) e na morte, pois não podem ser arrancados um ao outro sem destruição total (412).

Em suma, para Lucrécio como para o seu Mestre, a alma é corpórea. Inclui entre seus componentes uma substância indefinível, mas nada tem de imaterial. Protegida pelo corpo, é causa da vida. Enquanto responsável pela sensibilidade, une-se estreitamente ao seu invólucro e lhe transmite a sensação. Goza, porém, de relativa independência funcional com relação ao corpo, visto que tem uma parte que é a sede das funções superiores, das quais aquele não participa. Nasce com o corpo. E como tudo o que nasce está destinado a morrer, a alma é mortal<sup>12</sup>.

Ora, as provas de sua mortalidade, apresenta-as o *De rerum natura* em trinta e sete por cento dos mil e noventa e quatro versos do terceiro livro, e estes versos prendem-se ao núcleo da moral epicúria: se a alma não é imortal, e nenhuma recompensa pode o homem esperar de uma ultravida, precisa conseguir aqui sua recompensa: a tranqüilidade de seu espírito.

Os dezoito primeiros argumentos da mortalidade da alma são argumentos contra a sobrevivência da alma ao corpo (v. 425-669), e Lucrécio parece responder diretamente a Platão.

O primeiro (425-44) encerra a idéia epicúria de proteção à alma pelo corpo, e também a comparação da alma à névoa e ao fumo, que é clássica, e que o Poeta igualmente haveria encontrado no seu Mestre, e também em Demócrito e Empédocles, modelos seus.

Os seis seguintes (do segundo ao sétimo, v. 445-525), apóiam-se na seguinte premissa: “toda mudança que faz sair de seus limites um ser acarreta sua morte” (519-20). Voltarei a eles quando focalizar a súpula dos argumentos.

Os onze seguintes (do oitavo ao décimo oitavo, v. 526-669) baseiam-se na união do conjunto corpo e alma, como condição de vida e sensibilidade. Quando um homem vai morrendo aos poucos e perdendo a sensibilidade vital membro por membro, também a alma vai sendo destruída aos poucos e não se libera ílesa e a um só tempo, o que prova sua mortalidade: morre parte por parte, assim como se vê e se sente que o corpo vai morrendo<sup>13</sup>. E nenhum moribundo parece sentir a alma escapar-lhe incólume (608) de todo o corpo, nem subir-lhe à garganta, mas sente-a faltar-lhe na região certa em que se localiza. Estes últimos argumentos lembram *Fédão*. Comparem-se com os últimos instantes de Sócrates, quando a sensibilidade e a vida começam a abandoná-lo, e ele sente morrerem os pés e as pernas; depois, em seguida, pelos outros órgãos irem-se arrastando os

passos da gélida morte. A descrição é do *De rerum natura* (529-30) mas corresponde ao diálogo platônico (117e-118a).

E assim como as outras partes do corpo não podem nem sentir nem existir isoladamente mas se decompõem e se corrompem, assim também a alma, que é uma parte do homem (548), não pode existir sem o corpo e sem o próprio homem, que é como que o vaso que a contém, embora se prenda mais intimamente a alma ao corpo que o líquido ao vaso (cf. *Her.* §64).

Adiante, reafirma o Poeta que a sensibilidade vital (635) está em todo o corpo: logo, a mutilação do corpo também mutila a alma; ora, o que pode ser cortado em partes não pode aspirar à imortalidade (640-1). A idéia de “parte” é tão incompatível com a de “imortalidade” quanto a de “mudança”. O composto é sujeito à decomposição, ao passo que o simples é sempre igual a si mesmo. Por exemplo, os átomos são eternos porque simples: *sunt igitur solida primordia simplicitate* (I 548). E, em Platão, como vimos, a não composição da alma é um dos argumentos de sua imortalidade.

Até aqui, o Poeta combate a idéia da eternidade da alma, demonstrando a impossibilidade de sua sobrevivência ao corpo. Combate-a, a partir daqui (do 19º ao 32º argumento, v. 670-783), demonstrando a impossibilidade de sua preexistência. *Inmortalis* no verso 670 significa “eterno”, e os catorze argumentos que se seguem visam a metempsicose. Na Antigüidade, relacionam-se as idéias de “imortalidade” e “eternidade”. Vimos que tudo o que nasce está destinado a morrer. E, reciprocamente, se a alma fosse imortal, seria impossível imaginá-la nascendo com o corpo. O Autor, como propôs (417-20), levará o leitor a reconhecer que os espíritos e as almas nascem e são mortais (cf. Bailey, 1950, 1105). (Pensa-se que Lucrecio, que está entre Ênio e Vergílio, entre os *Anais* e o sexto canto da *Eneida*, haveria de ter em mente os pitagóricos do seu tempo, freqüentadores do círculo de Públio Nigídio Fígulo: cf. Boyancé, 1963, 166-7).

Ora, se a alma fosse imortal e se insinuasse no corpo, qual a razão pela qual não podemos lembrar-nos do tempo anterior ao nosso nascimento? Semelhante alteração da lembrança não está longe da morte. E, ainda que os mesmos átomos que compõem a alma voltem a encontrar-se após a dissolução, é preciso confessar que se terá perdido a alma que antes existiu e terá nascido depois a que depois existe (670-8). Assim como é íntima a relação entre vida e sensibilidade (766-8), é íntima a relação entre memória e vida (847 et seqs).

A teoria lucreciana do esquecimento, argumento a favor da mortalidade, opõe-se diretamente à teoria platônica da reminiscência, argumento a favor da



imortalidade. Em ambas, esquecimento é limitação, prisão, morte; memória é amplidão, liberdade, vida.

São duas as fases do mito de *Mnemosýne*. As águas do Lete, na primeira, proporcionam o esquecimento àquele que entra no domínio da Noite. As do Ameles, na segunda, àquele que volta à vida (cf. Vernant, 1973, 78 et seqs). Apóia-se o Poeta na experiência: não nos lembramos. No mito, o Filósofo: saber é lembrar.

E mais: se o poder do espírito fosse introduzido no corpo pronto, como pensam os pitagóricos, não o veríamos crescer junto com o corpo e dentro do próprio sangue, mas viveria sozinho, como numa gaiola<sup>14</sup>. A evidência, porém, nos ensina o contrário: as almas são absolutamente conexas e entretecidas com todas as partes do corpo, como na natureza, diria Aristóteles, a forma é inseparável da matéria. O Poeta, como sempre, apóia-se na informação da experiência: verdadeiro é o que se vê (*Her.* §62). Assim, é preciso admitir que as almas nem estão livres de origem nem podem, incólumes, desprender-se do corpo (20º e 21º, 679-97).

De outro lado, se a alma se insinuasse de fora, infiltrando-se por nossos membros, morreria ao insinuar-se: pois tudo o que se infiltra se dissolve; logo, se perde (701). É assim que os alimentos se transformam noutra substância prove-niente deles. Assim também o espírito e a alma, supondo-se que entrassem íntegros no corpo, dissolver-se-iam ao escorrer: e morreriam; pois “toda mudança que faz sair de seus limites um ser acarreta sua morte” (519-20). O argumento visa a provar, ao mesmo tempo, que a alma nasce e é destruída (22º, 698-712).

Os três argumentos seguintes (23º a 25º. v. 713-40) concernem ao cadáver e aos vermes. Duas são as hipóteses no que tange à alma: 1) retirar-se-ia diminuída (713-6); 2) fugiria ilesa (717-37).

*Primeira hipótese.* Semens da alma seriam deixados no corpo exânime. Ora, se fossem deixados e ali ficassem, a alma não poderia ser tida por imortal, uma vez que se teria retirado diminuída de algumas partes.

Esta hipótese permite uma consideração importante: afastada e, pois, morta a alma, há possibilidade de vida nas partículas que perdeu ao retirar-se. Encontra-se aí o sentido primitivo da continuidade. Nada do que parece morrer morre inteiramente, pois a natureza tira da morte a vida<sup>15</sup>, e tudo o que veio da terra volta à terra<sup>16</sup>. Mas é preciso muito cuidado, pois “continuidade” não é “imortalidade”; esta só se encontra nos *primordia rerum*: nenhuma força pode extingui-los (I 485-6).

*Segunda hipótese.* A alma fugiria ileso. De onde vem, então, aquela multidão de vermes (719-21)? Como viriam tantas almas parar num corpo do qual apenas uma se havia retirado (722-5)? Almas vindas de fora caçam os semens desses vermes a fim de fabricar para si os corpos (727-8)? Ou se insinuem em corpos prontos (729)? Por que o fariam (730-1)? Sem o corpo, não sofrem doenças, nem frio, nem fome, pois o corpo é mais afim dessas imperfeições, e é pelo seu contágio que o espírito sofre muitos males<sup>17</sup>.

O fabricarem as almas um lugar onde fiquem lembra a hipótese de Cebes em *Fédão* (87 et seqs), embora a idéia que ali se encontra seja um tanto diferente, pois tecem corpos até que, esgotadas, acabam morrendo. Seja como for, o Poeta mostra o absurdo da hipótese. Ainda assim, mesmo concedendo que pudesse ser exequível, conclui que não aparece nenhum modo pelo qual o fosse. E sabemos que só o que é percebido pelos sentidos ou apreendido pelo pensamento é verdadeiro.

Aliás, nem poderiam as almas insinuar-se em corpos prontos, pois não seriam rigorosamente conexas com eles, e não se fariam os contágios para a sensação: a conexão rigorosa é condição indispensável do *modus operandi* do conjunto corpo e alma<sup>18</sup>.

Os cinco argumentos seguintes (26° a 30°, v. 741-71) focalizam a hereditariedade, tema que interessa ao Autor do *De rerum natura* (cf., e.g., IV 1209 et seqs). Fundamentam-se na observação de que a alma se desenvolve com o corpo (746) e no seguinte princípio, já antes focalizado: o que muda é mortal (756).

Ora, as características das espécies são constantes e determinadas pela semente e pela raça: há na natureza uma ordem que nunca é invertida: *sequitur res rem* (822). E assim como nada nasce do nada (*Her.* §38), assim também cada ser é criado de sementes certas (741-7). E se a alma fosse imortal, os costumes dos seres vivos se confundiriam. De acordo com Platão (*Res publ.* 618b), ao reencarnar-se, a alma deve necessariamente mudar conforme a escolha que faça. De acordo com o *De rerum natura*, o que muda se dissolve: logo, se perde (784-59; cf. 519-20).

O argumento seguinte (28°, 760-6) apresenta duas possíveis objeções dos antagonistas: as almas humanas passam a corpos humanos, e num corpo tenro a alma se torna tenra. Responde à primeira, indagando: por que não tem o garoto a prudência que, homem, terá, e o potro o adestramento que virá a ter?

O vigésimo nono argumento (766-8) responde à segunda objeção. A supormos que num corpo tenro a alma se torne tenra, é necessário confessarmos que é mortal, visto que muda e perde completamente a sensibilidade anterior. A primeira afirmação (a de que muda) traz de volta o princípio de que mudança é

sinônimo de morte. A segunda (a de que perde a sensibilidade) lembra que, se há interrupção da memória e da sensibilidade, há interrupção da vida (cf. 670-8). E o não ter o garoto a prudência que terá significa que a força do espírito se fortalece com o corpo: ora, como o poderia se não fosse parceira do corpo na origem? (30° argumento, 769-71; cf. 331-2.)

Nos argumentos finais contra a metempsicose (31° & 32°, v. 772-83), o Poeta focaliza duas imagens cômicas, ou seja, encerra a discussão com o argumento maior: o ridículo.

*Primeira.* Se a alma fosse imortal não temeria a ruína de sua morada (772-5). *Segunda.* As almas disputariam a entrada nos corpos dos nascituros? Ou haveria algum trato entre elas? (776-83.)

Os quatro últimos argumentos (33° a 36°, v. 784-829) retomam algumas idéias e apresentam outras. Por exemplo, a idéia da ordem e da localização: é certo e determinado o lugar onde cresça e exista seja o que for (615-23). Assim, espírito e alma não surgem nem existem sem o corpo; mas nele existem e nele se destroçam e com ele perecem (cf. 580 et seqs). Ainda que o espírito pudesse viver longe dos centros nervosos e do coração, não poderia viver fora do homem; e aqui volta a imagem do vaso (784-99).

É importante observar a retomada do argumento da origem comum (788). Porque, na verdade, juntar o mortal ao eterno e pensar que podem sentir e agir juntos e mutuamente é insensatez<sup>19</sup>. E mais. A alma, se eterna, seria invulnerável. Juntos, seriam ao mesmo tempo vulneráveis e invulneráveis? (Cf. Giussani, 1896, 222.)

Finalmente, a alma não tem as características da imortalidade: não é sólida como os primeiros corpos da matéria (806-10)<sup>20</sup>; não é intangível como o vazio (811-3); não está cercada pelo nada eterno (814-8; cf. *Her.* §39).

O último argumento (36°, v. 819-29) seria uma suma de argumentos anteriores, e apresenta dois aspectos. *O primeiro* diz respeito às condições que garantem a imortalidade aos Deuses e que a natureza da alma não preenche. Assim, completa o argumento anterior: a alma não é imortal nem como os primeiros corpos da matéria, nem como o vazio, nem como os Deuses. *O segundo* focaliza a real situação da alma: não só participa das aflições do corpo mas tem também as suas próprias aflições: insegurança, remorso, demência.

Em suma, o Poeta assinala três pontos capitais ao apresentar as provas da mortalidade da alma: relação alma / corpo, leis naturais e hipóteses insustentáveis de imortalidade.

*Primeiro ponto.* A alma compõe-se de corpos diminutos e tênue como o fumo, dissipa-se no ar; ou se destroça no próprio corpo ou se despedaça. O corpo mantém a alma como se fosse um vaso ou um invólucro ou uma veste. Corpo e alma são a tal ponto conexos que não podem nem sentir nem viver separadamente. Por outro lado, a evidência mostra que a alma cresce e se fortalece com o corpo. Assim, é preciso atribuir-lhes não só origem comum senão, igualmente, fim comum. A alma sofre também doenças, inquietações, tristeza e medo; pode ser conturbada, abalada, sacudida, curada pela medicina. E pode ser mutilada ou destruída aos poucos.

*Segundo ponto.* Há na natureza uma ordem que determina ambiente e lugar de cada ser, e uma força determinante das características das espécies; e “toda mudança que faz sair de seus limites um ser acarreta sua morte”.

*Terceiro ponto.* Se imortais, as almas contrariariam as leis da continuidade das espécies, pois, se passassem de um a outro corpo, os costumes dos seres vivos se confundiriam. E, se passam, por que não podem lembrar-se da vida anterior? E como podem tornar-se, de sábias, estultas, imprudentes, inexperientes? Nem se vê razão pela qual almas imortais quisessem voltar aos corpos, ou modo pelo qual construísem a sua morada ou ficassem à espera de corpos nos quais pudessem entrar. Se imortais, como podem ser tão conexas com o corpo, que é mortal? Nem, se imortais, deplorariam o dissolver-se morrendo ou temeriam, como parecem temer, a ruína de sua morada. E, finalmente, a alma não tem as características da imortalidade, como os átomos e o vazio, e não está ao abrigo das causas de destruição, como os Deuses.

Pois bem. Voltemos a Platão.

A alma, imortal, é o princípio do movimento e da vida; de essência divina, é o princípio do pensamento e do conhecimento. Assim, o homem deve iluminar sua vida pela ciência, pelo amor (*Symp.* 211c-212), pela justiça<sup>21</sup> e pelo domínio das paixões (*Tim.* 42b), a fim de que sua alma tenha o direito de voltar à origem de toda a luz e voltar a contemplar as essências, entre as quais a Beleza em si. (A noção que associa Beleza e Bem pertence à tradição helênica e pontilha os diálogos.) Na medida em que tem uma alma imortal e de essência divina, o homem participa da divindade e, como teria afirmado Sócrates, está a serviço do Deus (*Apol.* 21e). Responsável pela sua vida e pelos seus atos, deve afastar de si todo orgulho, toda ambição e toda mesquinhez.

Ora, o epicurismo afasta-se totalmente da concepção órfico-pitagórica e platônica de uma alma imortal. Mas o homem lucreciano também é responsável

pela sua vida e pelos seus atos, e deve afastar de si todo orgulho, toda ambição e toda pequenez. Também para ele, como para Sócrates e Platão, a vida é o exercício da temperança. Apenas, as suas dimensões não são as dimensões do imortal (mesmo porque atribuir-se a imortalidade não é também uma forma de orgulho?). O homem lucreciano é mortal: é uma parcela ínfima de um universo fadado a morrer. E, como afirma Lactânio, Epicuro diz que não se devem temer os castigos do inferno porque as almas perecem após a morte e o inferno absolutamente não existe (Us. fr. 341, 18-20).

Na verdade, o epicurismo surgiu exatamente como para livrar dos seus temores o homem. Se a imortalidade da alma havia sido negada por Demócrito, o epicurismo tem nessa negação, totalmente oposta à posição platônica, a pedra angular de sua doutrina: a alma é material e mortal. Realmente, afirma Epicuro que, ao desfazer-se o agregado que constitui o corpo, a alma se dispersa, não tem mais poder nem se move nem sente; volta aos átomos que a compunham, estes sim, indestrutíveis (*Her.* §65-6).

Ora, tememos dores terríveis e eternas para nossa alma e tememos a própria insensibilidade do corpo no estar morto, como se isso nos atingisse, o que é irracional pois todo bem e todo mal residem na sensação (*Her.* §81; *KD II*): e a morte não nos diz respeito pois quando existimos ela não está presente e quando está presente já não existimos. Como lembra Rodis-Lewis, é algo que não pode nem ser sentido nem ser vivido (Rodis-Lewis, 1976, 124). Afirma também Epicuro que nada há de temível na vida para quem sabe que nada há de temível na não-vida, e que não lhe pesa ao sábio viver como não o assusta o morrer (*Men.* §126). Vivemos uma só vez (cf. *Plut.:* Us. fr. 204, 12), e a consciência de que a morte nada é para nós livra-nos de temê-la e de desejar a imortalidade (*Men.* §124-5).

## NOTAS

\* Professora Doutora de Língua e Literatura Latina do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da FFLCH-USP.

- 1 No original (*Phaedr.* 249c), *anámmesis*. A verdade é o “não esquecimento”, e esse é o sentido original de *alétheia*.
- 2 No original (*Phaedr.* 247ce), respectivamente *alétheia*, *dikaíosyne*, *sophrosyne*, *epistémē*.
- 3 O destino *post-mortem* é tratado como um mito em *Fédão* (cf. 107d et seqs.114d); em *Górgias* (anterior a *Fédão*), Sócrates apresenta o mito como verdade na qual ele crê (cf. 523a.526d).

- 4 No original, respectivamente, *calor, uapor* (121.126) = *thermón* (Her. §63); *uentus, aura* (126.282) = *pneúma* (Her. §63); *aer* (233) = *aér* (Aet. IV 3, 11 = Us. fr. 315) e *quarta quaedam natura* (241-2) = (?) *ti méros* (Her. §63). Os versos citados sem indicação do livro pertencem ao terceiro do *De rerum natura*.
- 5 “Substância” traduz *natura* (136-7.416.421-4); “mente”, *mens* (94); “conselho e direção da vida”, *consilium regimenque* (94-7.139 et seqs).
- 6 Her. §66 *scb*. Note-se que à alegria (*laetitia*, 142.150, *gaudet*, 145) se opõe o medo (*pavor*, 141, *metus*, 141.152, *terror*, 157). Não fora o *De rerum natura* o poema contra o medo, que nos impede o gozo dos prazeres mais simples (cf. 37-40).
- 7 No original (152-60), *consentire*, que equivale ao grego *sympáskhein*. V. Her.: §63, *sympáthés*, §65, *sympátheia*.
- 8 Para Lucrecio (161 et seqs), como para Epicuro (Her. §63-7) e Demócrito (Arist., *De an.* 405a 8-10).
- 9 Cf. I 443, *At facere et fungi sine corpore nulla potest res*, e Her. §67. Desse princípio decorrerá por certo a glorificação do tato: *Tactus enim, tactus, pro Diuom numina sancta, corporis est sensus* (II 434-5).
- 10 A desconfiança do conhecimento transmitido pelos sentidos encontra-se em *Fédão* (65b) e viria dos antigos. Por exemplo, de Parmênides (cf. D. L. IX 22), de Empédocles (DK 31 B 3, 9-11), de Demócrito (DK 68 B 11) e, também, de Heráclito (cf. DK 22 A 16, 126-30) e Epicarmo (DK 23 B 12).
- 11 *Vas* (440.555.793), *tegmen* (577.604), *uestis* (614), que traduzem o epicúrio *stegázon* (Her. §64-6). A expressão encontra-se também em Cícero (*C.M.* 21, 77), embora com diferente matiz de significação.
- 12 Epicuro, segundo Lactânio (Us. p. 336), haveria dito que tudo o que nasce *com o corpo* deve morrer com o corpo: e que a alma nasce com o corpo.
- 13 Também Demócrito e Epicuro teriam afirmado que a alma se destroça ao deixar o corpo (cf. Us. fr. 337).
- 14 Existe entre os pitagóricos a idéia de que o corpo é prisão ou túmulo da alma (cf., e.g., Filolau: DK 44 B 14); a mesma idéia encontra-se em Platão, no pseudoplatônico Axíoco e também em Ênio. Cf. *Gorg.* 493a; *Crat.* 400c; *Ax.* 365e.370d; e *Ann.* I 2-4.
15. *Ex aliis aliud reparare necessesit* (964-7); *Aliud ex alio reficit natura* (I 262-4).
- 16 *Cedit item retro, de terra quod fuit ante, / in terras* (II 999).
- 17 Mais que a “contágio” ou “contato”, *contages* (734) corresponde ao mesmo tempo à *homoiúresis* e à *sympátheia* de Epicuro (Her. §64).
- 18 Sobre o contágio, cf. 165-7. Sobre a conexão, 323 et seqs.
- 19 Observe-se a ênfase da expressão: *una consentire et fungi mutua*, a traduzir o epicúrio *sympáskhein* (Her. §64-5).
- 20 Estes são impenetráveis: Cf. I 485-6.528-30. Também na *Carta a Heródoto* se lê que os corpos da matéria são *átoma* (§41).
- 21 Cf., e.g., *Apol.* 28b; *Crit.* 48b; *Res publ.* 353c; *Gorg.* 469bc.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACCOU, R. PLATÃO. *A república*. São Paulo: DIFEL, 1965.
- BAILEY, C. TITILVCRETI CARI. *De rerum natura*. Oxford: Clarendon [1950].
- BOYANCÉ, P. *Lucrèce et l'épicurisme*. Paris: PUF, 1963.
- CAVALCANTE DE SOUZA, J. (Ed.). *Os pré-socráticos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- CONCHE, M. *Épicure: lettres et maximes*. Paris: Éd. de Mégare, 1977.
- DIELS, H. & KRANZ, W. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Berlin: Weidemann, 1954.
- GIUSSANI, C. *Studi lucreziani*. Torino: E. Loescher, 1896.
- LUCRÈCE. *De la nature*. Paris: "Les Belles Lettres", 1975/1978. 2 v.
- PLATÓN. *Obras completas*. Madrid: Aguilar, 1977.
- PLATON. *Oeuvres complètes*. Paris: "Les Belles Lettres".
- ROBIN, L. *La pensée grecque*. Paris: A. Michel, 1948.
- RODIS-LEWIS, G. *Épicure et son école*. [Saint-Amand (Cher)]: Gallimard [1976].
- ROHDE, E. *Psique*. Barcelona: Labor, [1973].
- USENER, H. *Epicurea*. Stuttgart: B. G. Teubner, 1996.
- T. LUCRÉCIO CARO. *De la naturaleza*. Barcelona: Alma Mater, 1961.
- VERNANT, J.-P. *Mito e pensamento entre os gregos*. São Paulo: DIFEL, Ed. da Univ. de São Paulo, [1973].

NOVAK, Maria da Gloria. *Platon, la transmigration des âmes et Lucrèce*.

**RÉSUMÉ:** *Platon expose la théorie de la réminiscence, preuve de l'immortalité de l'âme, dans le Phédon, le Phèdre, le Ménon et la République; enfin, dans le Phèdre et la République, il décrit la composition tripartite de l'âme et la transmigration de l'âme. Par contre, Lucrèce, dans le De rerum natura, de même qu'Épicure, dans la Lettre à Hérodote, nous offre la théorie de l'oubli et nous dit que l'âme est corporelle; d'ailleurs, il divise l'âme en deux parties: animus et anima, esprit et âme, et en quatre éléments: chaleur, souffle, air et une quatrième substance. Ainsi, Lucrèce, poète, tient compte de l'expérience: nous*

*oublions; Platon, philosophe, du mythe: savoir c'est se souvenir.  
L'épicurisme s'écarte absolument de la conception platonique, ou orphique  
et pythagoricienne, d'une âme immortelle.*

**MOTS-CLÉS:** *théorie de l'immortalité de l'âme; théorie de la  
réminiscence de l'âme; composition de l'âme; conceptions platonique et  
épicurienne de l'âme.*